

**OS
IDEAIS ESPÍRITAS
NA
SOCIEDADE MODERNA**



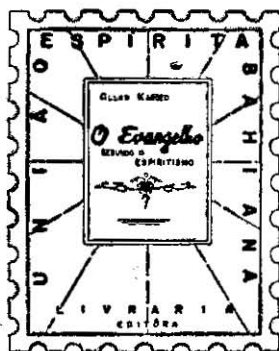
HUMBERTO MARIOTTI

UNIÃO ESPÍRITA BAHIANA

HUMBERTO MARIOTTI

OS IDEAIS ESPÍRITAS NA SOCIEDADE MODERNA

Tradução de
ELZIO F. DE SOUZA



Praça José de Anchieta, 8
Salvador - Bahia - Brasil

PREFÁCIO DO TRADUTOR

O trabalho da lavra de Humberto Mariotti, que agora se traduz para o português, representa uma síntese, onde se encontram delineados alguns problemas de evidente atualidade como a posição do espírita ante a Lei, os direitos da mediunidade curadora e o enfoque filosófico e sociológico do Centro Espírita, num quadro natural em que o mundo visível e o invisível se relacionam para possibilitarem ao homem a construção do seu verdadeiro destino.

Mariotti constitui-se num dos mais profundos pensadores espíritas da pátria irmã. Com destacada visão, compreendeu o valor incomensurável das idéias a trabalharem na mente do povo, e devota-se a advertir da necessidade de desenvolver-se a ideologia espírita com base nos fundamentos kardecistas, de forma a proporcionar uma mundivivência espiritual que capacite cada homem, por mais obscuro que seja, a desempenhar o seu papel que lhe cabe no concêrto social. Aliando a simplicidade de linguagem à profundidade do pensamento, sem aumentar número de páginas à custa de citações, Mariotti expõe suas idéias vinculadas aos princípios constantes da Codificação, visualizando as funções do Centro Espírita, como a evitar as distorções com que se procura deturpá-lo, sem deixar de assinalar, por outro lado, a grande responsabilidade que lhe cabe na sociedade moderna (1).

Com estas palavras poderíamos encerrar êste prefácio. Ao leitor desavisado, porém, não seria demais advertir que **Kardecismo**, **Kardecologia** e **Kardecólogo** têm em Mariotti significados corretos, não representando expressões de dogmatismo ortodoxo, desligadas das origens da Doutrina, do seu sentido evolucionista e da moral cristã.

Pelo contrário, o estudo das obras fundamentais para as quais com tanta veemência chama atenção o autor deve ter por objetivo a compreensão da universalidade e racionalidade do ensino dos Espíritos Superiores que, sob a direção do Espírito de Verdade, lançam as bases do porvir, do evolucionismo.

nismo doutrinário e, por fim, da inadiável necessidade de vivência dos princípios livremente aceitos. O kardecólogo não será o homem de gabinete, forrado de interpretações, a criar e discutir questões sibilinas, alienado da realidade, como um teólogo medieval renascido das cinzas de um passado distante. Ninguém poderá conhecer realmente o Espiritismo, pela simples aquisição de conhecimentos, apartado do aprimoramento moral. O triplice aspecto da Doutrina, do qual não se aparta Mariotti em sua exposição, induz-nos a considerar como kardecólogo somente aquele que estiver profundamente identificado com a teoria e prática espíritas, dentro da vivência cristã. São os espíritas cristãos de «O Livro dos Médiuns» (nº 28), os espíritas praticantes da «Viagem Espírita em 1862», os bons espíritas de «O Evangelho segundo o Espiritismo» (Cap. XVII, nº 4).

O termo kardecismo não aparece com o objetivo de propugnar uma linha fechada de pensamento, mas para vincular o pensamento espírita às obras básicas, de modo a que não se desvirtue entre fantasias e ilusões, tão do gosto das gentes das mais diversas culturas. Alguém perguntou a Marx, certa vez, se ele era marxista, para ouvir a negativa; poder-se-á ter certeza de que se a Kardec houvesse sido formulada pergunta relativa à sua posição kardecista, ouvir-se-ia, com muito maior razão, a mesma resposta, se se quisesse restringir o pensamento espírita à simples exegese do pensamento kardecista, sem cuidar do desenvolvimento natural em que obrigatoriamente se expande (2).

Para Mariotti não há termos mágicos: ao estudo da obra de Kardec chama de Kardecologia, por entendê-la nos precisos termos em que a compreendia o próprio Codificador — resultado dos ensinamentos ministrados pelos Espíritos Superiores. E as lições deles não estancaram... No entanto, e para isto o aviso oportuno, aqui e acolá se encontram obras que retirando algumas sementes da Codificação misturam-nas com as idéias mais esdrúxulas, terminando por encantar as mentes de quantos, aparentemente libertos de prejuízos, adoram as

coisas absurdas, exatamente porque o são, acabando por citar, como novidades, ensinamentos que já se encontram expostos, com segurança e completamente apartados de tudo quanto seja fantasioso, por Kardec. Seguindo as lições dos nossos Maiores da Espiritualidade, consagrados ao bem da humanidade, Mariotti busca despertar a atenção do homem conflitado do nosso século para o manancial em que se constitui a Codificação, roteiro seguro para penetrar no conhecimento dos dois mundos aparentemente indevassáveis — o de além túmulo e o da própria personalidade.

A União Espírita Bahiana, ao iniciar esta nova modalidade editorial no Brasil (3), com as páginas do pensador platino, coloca às mãos dos espíritas do Brasil e de Portugal uma obra de real valor doutrinário pela vinculação ao pensamento kardecista e pela originalidade das idéias. Possa ela servir ao seu desiderato — uma mais exata compreensão dos direitos da terapia mediúnica e da função dos Centros Espíritas na sociedade moderna.

Salvador, 8 de dezembro de 1970

(1) Conceitos fundamentais a respeito das entidades espíritas encontram-se em «Viagem Espírita em 1862», de Allan Kardec (Casa Editora O Clarim) e em «Devassando o Invisível», de Yvonne A. Pereira (F.E.B.).

(2) — Léon Denis já afirmava, perante o Congresso Espírita de 1888, respondendo ao sr. Fauvety — «Não vos viemos dizer que devamos ficar confinados no círculo, por mais vasto que seja, do Espiritismo kardequiano. Não; o próprio mestre vos convida a avançar nas vias novas, a alargar a sua obra» (in «No Invisível», F.E.B., pág. 2). Para tanto far-se necessário sentir, estudar, anotar, meditar, analisar, comentar, interpretar, divulgar e cultivar Kardec, no dizer de Emmanuel, para que não venhamos a forjar sistemas individuais contrários ao pensamento reitor do Espírito de Verdade.

(3) — O suplemento — livro foi lançado por «La Idea», na Argentina, a fim de recolher trabalhos de maior extensão que ultrapassassem as medidas estritas do artigo. É este o destino desta coleção.

OS IDEAIS ESPIRITAS NA SOCIEDADE MODERNA

1. — O ESPIRITISMO, O ESTADO E A MEDI- UMTERAPIA OU MEDIUNIDADE CURA- DORA.

As estruturas que configuram a vida do Estado expressam-se através de múltiplas leis que regem o desenvolvimento social. São as leis os alicerces sobre os quais se fazem realidade modas e costumes civis e que conferem direitos às aspirações individuais e sociais das comunidades. Sem elas o Estado estaria sujeito a uma decomposição jurídica e em perigo de desaparecer como organização humana.

As leis estabelecidas, porém, têm uma origem que se acomoda às necessidades próprias de cada civilização e cultura; nunca resultam na expressão pura da justiça, nem servem para resolver em nenhum momento o fato ou a situação que cabe ao homem viver e experimentar. A lei é o fruto da mentalidade humana correspondente a um momento de sua evolução espiritual; por conseguinte, não é mais que o efeito de uma causa intrínseca relacionada com o **ser coletivo** do Estado.

As leis são boas ou úteis segundo a condição moral da sociedade que as gera. Quando elas são o produto de uma ideologia restritiva não podem expressar imparcialmente o sentido puro de sua essência: transformam-se em estatutos ou faculdades que favorecerão os interesses de certos setores sociais unicamente, a indicar que sua função se mostra afetada de parcialidade e viciada por fatores pessoais ou de partido. O Estado, dêste modo, em suas funções gerais é uma instituição que responde a interesses particulares, e não aos do Espírito. A filosofia espírita com relação à lei atem-se à realidade do homem como entidade espiritual evolutiva que é e nunca a fatores circunstanciais que abrangem somente a parte física de sua evolução. A lei à luz do saber espírita expressar-se-á sempre estendendo-

se além de todo fator humano, pois toma em conta as novas transformações a que está sujeito o Espírito em seu desenvolvimento palingenésico. Porque se a lei é só a expressão de um pensamento baseado em estruturas sociais imperfeitas e imutáveis, ela aparecerá como inoperante e inútil, quando o grau de adiantamento alcançado pelo indivíduo sobrepuje o nível comum. De modo que a lei prejudica ao Estado, isto é, ao **ser coletivo**, quando este está composto por grandes grupos de espíritos avançados no processo evolutivo. O Estado sofre e resente-se, porque a lei que o rege ignora que a sociedade evolui através de seus componentes de modo constante, não se restringindo a ser um ente jurídico baseado num mecanismo físico e imutável.

A teoria progressista da lei obriga a considerá-la em suas aplicações e nunca de forma perene, como a consideram os estadistas conservadores. Esquece-se que não é possível a estabilidade do Estado se suas leis não correspondem ao processo evolutivo dos Espíritos, desde que seu próprio crescimento moral é o que determinará a legitimidade das leis. A lei, com efeito, não é um dogma: ela, de acordo com o Espiritismo, cresce e evolui com o homem e com as coletividades; de modo que se torna improcedente restringir as necessidades da mesma, se se considera que não é outra coisa que o resultado moral dessa evolução.

Quando a lei só se prende ao dogmático e visível, parcializa seu critério funcional e não pode atender a reclamação de grandes conglomerados humanos que demandam a concessão de novos direitos baseados em princípios renovadores. Esta parcialidade do Estado é decorrência da restrição ideológica sobre a qual se assenta juridicamente, provocando dessa maneira um ressentimento nas massas sociais que, por razões de evolução espiritual, acham-se em outro plano das concepções filosóficas e científicas, tal como ocorre com a coletividade espírita.

Estes conglomerados humanos não poderão

ajustar-se nunca a uma lei que foi concebida sobre «bases arbitrárias» e «estados psíquicos» medievais. Os conglomerados sociais que permanecem em estado de quietude são os que respondem ao conceito misoneísta das coisas, por cuja causa a lei e os códigos nunca diferem de suas concepções ideológicas. Recordemos que o conservadorismo legal é sempre «medieval e escolástico» e as leis que representa se inclinam, com frequência, para «seu partido» tratando de conciliar-se com as velhas instituições jurídicas e dogmáticas.

O movimento espírita, como entidade social e espiritual que é, possui um tipo de mentalidade filosófica que não se ajusta aos cânones clássicos dos códigos. Com isto não queremos dizer que o espírita seja desrespeitador da lei. Muito pelo contrário, em sua conformação ideológica intervêm poderosos elementos morais que o levam, com toda lealdade, a respeitar ao Estado e às leis; porém é preciso, não obstante isso, que o Código considere e compreenda que o tipo social espírita se tem multiplicado enormemente na sociedade moderna, isto é, que existem grandes setores humanos, tanto no país como no mundo inteiro, que sustentam o conceito espírita da vida e do conhecimento, por cuja razão as leis vigentes não poderão desatender suas reclamações científicas e decorrentes do estudo, especialmente no que concerne à **MEDIUMTERAPIA** ou **mediunidade curadora**. O Código Penal (1) — refirimo-nos ao de nosso país — deverá tomar em conta a obra científica realizada por distintas personalidades de fama mundial sobre este novo horizonte da Medicina, e recordar, além disso, que sábios jurisconsultos não defenderam a **MEIUMTERAPIA** afirmando a sua realidade e seus direitos.

Nós, porém, confiamos em que a **mediunidade curadora** será reconsiderada pelo Estado moderno em virtude de seu reconhecimento científico universal. Para tanto a lei deverá assentar-se sobre a realidade espiritual, a qual lhe proporcionará os elementos indispensáveis que confirmem uma **filosofia**

espírita do direito e que revolucionará fundamentalmente a concepção jurídica do conhecimento e dos atos humanos. A própria moral beneficiar-se-á pela força dos fatos medianímicos que confirmem o que temos chamado de **MEDIUMTERAPIA**; em consequência, o Estado não deverá empregar argumentos escolásticos para deter o avanço da nova medicina fundada na **mediunidade curadora**. O Estado estará a serviço da moral do homem ao considerá-lo como um Espírito encarnado; daí, pois, a necessidade de reformar os programas universitários sobre os quais se baseia o atual ensino da comunidade social.

O Espiritismo diante do Estado representa uma força moral que se afirma com o tempo, até que chegue o dia em que as formas do direito misoneísta e conservador desapareçam e com elas o conceito materialista do homem. O Estado e a Religião, porém, têm negado até o presente o Espiritismo, apresentando-se por isso uma curiosa antinomia, se se considera o ideal religioso negando a realidade espírita da alma e da vida que, como se sabe, é de natureza transcendental ao aceitar uma vida além túmulo. Surgem aqui a antinomia e a contradição correspondente por parte do espiritualismo religioso ao negar as demonstrações positivas que com referência ao Espírito apresenta o Espiritismo. Esta atitude do poder teológico não é mais que um desejo de açambarcamento ou de exclusividade, sobre o qual se elabora depois a lei. Por outro lado, se a filosofia do direito em vigência reparasse em tão importante contradição, encontraria as razões para iniciar uma reforma em seu critério jurídico referente à **MEDIUMTERAPIA**, ou **mediunidade curadora**, e sobre outros aspectos do conhecimento.

Com efeito, se a reforma a que aludimos não se produzir, é indiscutível que a comunidade espírita tem o direito de reclamar os direitos que lhe assistem, como movimento ideológico que é, baseado nestes três grandes estádios do saber: a ciência, a

filosofia e a religião. Não se deve esquecer que a democracia moderna outorga às comunidades humanas o direito de praticar livremente suas convicções. Todavia aqui não se trata de um assunto puramente político, mas de uma faculdade psíquica reconhecida na pessoa humana como real e que está demonstrada por fatos que em nada contradizem as leis repressivas a todo tipo de curandeirismo (recorde-se que a ciência espírita submete tôda prática da mediunidade curadora ao mais severo método de comprovação e retificação da ciência médica oficial).

O Direito Penal, entretanto, se obstina em ver na MEDIUMTERAPIA um perigo e forma de curandeirismo, esquecendo-se a grande quantidade de provas que existem em seu favor. Dever-se-á perguntar, então: Não será que o Estado, ao reconhecer antigos dogmas religiosos como fontes de fé e crenças, vê-se na necessidade de ignorar a mediunidade curadora como um nôvo horizonte para a Medicina?

Se os chamados «interesses de estado» forcem o conhecimento oficial a adotar semelhante atitude, os espíritas, confiando na lei do progresso e nos avanços da democracia social e espiritual, não deixarão de reclamar em favor do reconhecimento de uma faculdade psíquica como a mediunidade curadora, que tantas provas médicas está oferecendo à ciência livre e sem preconceitos. Em consequência disto, confiamos em que não se deixará de ouvir a legitimidade jurídica de um protesto que provém de um movimento doutrinário como o espírita, que trabalha e estuda, tudo fazendo para deter o avanço do materialismo e elevar a moral individual e social sobre a base de uma nova e fecunda espiritualidade.

2. — AS FUNÇÕES ÉTICAS E FILOSÓFICAS DOS CENTROS ESPÍRITAS.

Na comunidade social espírita existe um veículo pelo qual se expressa a nova influência do Evangelho. Os centros espíritas, reunidos constituem

êsse veículo através do qual se está revelando a nova presença de Jesus de Nazaré. Em cada um destes centros existem as **condições de comunicação** que permitem ao homem ter um nôvo contacto com o mundo espiritual. Eles constituem o nôvo realismo cristão, onde a mediunidade se apresenta como um órgão do Espírito de Verdade e por cujo intermédio vai configurando-se a nova vivência espiritual do Evangelho.

Nos centros espíritas o kardecismo se expressa como uma força popular ,originando-se nêles a moderna idéia espiritual e religiosa que há de pôr fim a êste antigo mundo da matéria e da incredulidade. Em consequência disto, será preciso ver nos centros espíritas elos de uma cadeia espiritual cujo destino consiste em iniciar uma nova época histórica do Cristianismo e em determinar os novos direitos do espírito encarnado. Cada centro espírita, por mais modesto que seja, tem a missão de contribuir e colaborar com os propósitos espirituais que o mundo invisível objetiva. O espiritismo teve originariamente seu assento no mundo dos espíritos, porém necessitou de um mundo social, por cujo intermédio devia introduzir-se no processo da civilização terrestre. Em outras palavras, a Idéia Espírita devia penetrar no mundo material para desenvolver sua missão histórica, sendo por isto que apareceu a era dos centros espíritas. O Ideal Espírita, vivo e revolucionário ,através de três grandes realidades: Espírito, Evolução e Evangelho, manifestou-se para que a nova ideologia tomasse posse de grupos humanos que, unidos entre si, constituirão a cadeia espiritual indispensável para a revelação mediúnica.

Esta é a nossa razão diante do Estado para justificar a existência de numerosos centros espíritas, pois sem êles o Espiritismo careceria de veículos no campo doutrinário e cultural. Os pais do direito alemão deixaram assentado que a idéia necessita do «corpo e da lei» que a sustente; nós, à luz da filosofia espírita, podemos deduzir que a essência viva do Espiritismo necessita de seu «corpo e de sua lei» co-

mo força chamada a impulsionar a formação do novo direito espiritual condicionado à evolução do indivíduo e às leis do Evangelho. Pelo que se observa na Argentina e no Brasil e em outros países americanos, podemos admitir que os centros espíritas desempenham esse importante papel dentro do Estado moderno, desde quando neles é que se estão formando as condições morais para uma nova consciência espiritual e religiosa da sociedade. Daí que todo aperfeiçoamento dos mesmos significará uma vantagem em favor da popularização do Espiritismo no mundo moderno, eis que o povo não se fará espírita por meio de academias científicas, metapsíquicas e parapsicológicas, mas se espiritualizará pela mensagem mediúnica do Espírito de Verdade que está penetrando na alma popular através dos centros espíritas.

A existência de centros espíritas na sociedade moderna é uma consequência da **lei de sociedade**, pois os povos se formaram pela associação dos primeiros indivíduos, sendo estes os veículos físicos pelos quais se expressaram as diversas nacionalidades e a alma peculiar de cada país. Até as mais poderosas religiões contam com suas igrejas para que se agrupem seus seguidores e constituam assim um poder espiritual em frente aos poderes temporais.

Como sabemos, a lei de sociedade é a manifestação inteligente da lei natural e o Espiritismo, como doutrina que mobiliza multidões, deverá contar com numerosos centros espíritas porque seus ideais necessitam de um **médium social** para as suas manifestações nos meios históricos. Por isto os centros espíritas representam a célula médium pela qual o mundo invisível toma posse do homem e da sociedade. Desse modo será necessário iniciar uma **filosofia prática dos centros espíritas**, posto que assim se revalorizaria o sentido de militância e difusão do Espiritismo, ao compreender-se que cada um deles se acha sob a direção dêsse ser coletivo do qual falou Kardec, ou seja, dos Espíritos superiores que dirigem o desenvolvimento da humanidade. Com-

preender-se-ia além disso que cada centro espírita é como uma caixa de ressonância espiritual e evangélica, o que significa a necessidade de estimá-lo como um instrumento do mundo invisível atuando moral e ideologicamente sobre o Povo e o Estado.

3. — O «HOMEM CIVIL» E O «HOMEM ESPIRITUAL» E SEU ENRAIZAMENTO NOS CENTROS ESPÍRITAS

O homem encarnado, cujo desenvolvimento abrange dois aspectos, o civil e o espiritual, tem uma terceira fase ou etapa no que respeita a sua vida profunda e transcendente e que encontra seu verdadeiro desenvolvimento espiritual no trato com o mundo invisível. Será preciso admitir que o ser humano não é só uma entidade civil ou social: nêle existe uma natureza que não participa do mundo físico. Tem-se olvidado que no homem existe um mundo transcendental que não fica preso à matéria e que o relaciona com a realidade suprasensível do Espírito. Este mundo transcendente é o que deverá manifestar-se nêle, se deseja encontrar o verdadeiro sentido de sua existência. Para que se produza tão importante fato será preciso que o homem entre em contacto com o mundo dos Espíritos, desde que seu ser e Natureza pertencem ao mesmo: terá que conhecer a verdade livre, pura e real de além-túmulo por meio do realismo mediúnico, que a doutrina espírita lhe apresenta.

Agora bem, êsse contacto com o mundo espiritual poderá logrã-lo por intermédio dos centros espíritas; é nêles onde o homem descobrirá sua verdadeira natureza e compreenderá a razão de ser de sua existência, as vivas realidades do Evangelho, que significam a evolução palingenésica e a importância histórica do Espiritismo. Seu enraizamento nos Centros espíritas permitirá que prevaleça nêle o «homem espiritual» sobre o homem civil ou social. Por isso a função dos centros espíritas consiste em

preparar o ser humano para «sentir-se e reconhecer-se» como uma entidade espiritual, e aceitar que a verdadeira natureza de toda ética deverá fundamentar-se no Evangelho.

É dêste modo que o homem se irá identificando com o sentido do eterno; saberá que os mortos vivem e que se comunicam com êle para lhe esclarecerem com respeito a sua existência, assim como para alentá-lo a persistir no bem e na bondade, não obstante as duras contradições encontradas diàriamente no mundo dos homens. Os centros espíritas serão as bases para a adoção dessa nova atitude diante da vida, da sociedade, da história e do universo, pois nas sessões mediúnicas e doutrinárias o cidadão encontrará o exato saber do que representa seu **ser e existir** no campo espiritual e cristão. Compreenderá por que se ora e se ama, e o que significa para seu mundo interior o cumprimento da lei de adoração. Daí constituírem-se os centros espíritas partículas que tendem a engrandecer-se, a ampliar-se para ir conquistando paulatinamente áreas e mais áreas do «mundo material», até que um dia hajam iluminado com suas luzes o planeta inteiro. Nesse feliz momento, a Terra será um **amplo e venturoso centro espírita** que elevará as vistas para suas irmãs do espaço, desde quando cada mundo se tornará luminoso elo de uma cadeia infinita que só poderá compreender-se em Deus e através da divina harmonia.

Os centros espíritas transformarão definitivamente o «homem civil» em «homem espiritual», influenciando assim sôbre a conformação de novas estruturas jurídicas até modificar as bases materialistas do Estado. Eles modificarão a sociedade civil e materialista absorvendo-a paulatinamente, até que as leis se tornem em complementos espirituais emanados da evolução moral de indivíduos e gerações, as quais possibilitarão o desenvolvimento de verdades psíquicas e metapsíquicas como as físicas e metafísicas sob o amparo de um Estado moderno e evoluído.

Dizia Hartmann que «a religião nasce do sentimento». Com efeito, no momento em que o Espírito se conscientiza da própria realidade e existência, é quando desperta nêles esse sentimento do metafísico e religioso. Começa assim a pensar sobre sua realidade circundante, porém por sua vez e com maior intensidade, sobre o que poderá existir no invisível. Dêste modo, tôdas as coisas se transformarão à sua volta, até chegar ao grau de exigir uma ampla explicação sobre o porquê de sua existência. Nestas condições o homem vem aceitar ou rejeitar Deus como uma realidade viva do universo. Surge, então, a chamada «fôrça do ideal».

4. — OS CENTROS ESPÍRITAS FORJADORES DE HOMENS IDEALISTAS.

O Ideal é a fôrça soberana que impulsiona aos homens e povos para a meta do desconhecido e revolucionário. Sem ideal o espírito humano permanece quieto e estagnado, ignorando que o mundo e as coisas fluem para idades e situações novas. Poderia dizer-se que o homem carente de Ideal é um ser inconsciente prêso pelo que Kardec chamou de **morte espiritual**.

O Ideal verdadeiro é aquêles que renova a ética vigente e modifica o imperfeito. Daí que tôda legislação superior será aquela que transforme o imperfeito, aperfeiçoando-o e despertando no Espírito encarnado uma moral nova baseada na bondade e na justiça. Os centros espíritas são os meios pelos quais o Ideal da verdade flui constantemente; nêles objetiva-se o Ideal e faz-se evidente ante a consciência, determinando assim um tipo humano idealista impossível de comparar-se com outros. O Espiritismo, como se sabe, é fonte inesgotável de ideais e tem a virtude de transformar o velho em nôvo, isto é, de transferir às coisas a eterna juventude da imortalidade. É por isso que os centros espíritas são forjadores de homens e mulheres idealistas, capazes de sacrificios por aquilo que significa a

verdade em meio de um mundo confuso e materialista.

O Ideal não pertence aos valores econômicos, nem às formas corporais: está intimamente ligado ao mundo subjetivo do homem em razão do qual toda transformação do ser se operará nos mundos internos, verdadeiro assento do Espírito imortal. Isto mesmo, ademais, é o que conduz à reforma dos métodos educacionais, pois o Ideal que emana dos centros espíritas não é só transcendental senão de caráter imanente, razão pela qual a educação que se ministre por seus meios modificará substancialmente o caráter desde seus mais profundos estados internos.

O Ideal quando é verdadeiro, harmonioso e claro, tem a virtude até de contribuir para o melhoramento de certos tipos de enfermos, porquanto sua influência, ao interessar as zonas psíquicas do indivíduo, determinará ao mesmo tempo um benefício teranêutico no que concerne ao organismo. O Ideal verdadeiro é capaz de produzir tais fenômenos, porque sua essência está condicionada pela harmonia e pela beleza. Esta particularidade é o que nos dá a conhecer o autêntico significado do que se denomina **harmonia dos fluidos**, requisito êste valiosíssimo para a vida mediúnica e espiritual dos centros espíritas. O mundo fluídico do indivíduo constitui a zona imanente e transcendente do perispírito órgão êste que a Universidade deverá reconhecer como fator vital para a preservação da saúde humana.

Com efeito, êste mundo fluídico a que temos aludido cria seus próprios movimentos, determinando círculos concêntricos cujos efeitos serão favoráveis ou não para o indivíduo conforme seja o tipo de ideal que os gere. A harmonia será considerada no futuro como o melhor elemento para o bem estar físico, psíquico e espiritual do homem. A sociedade estará fundada na harmonia moral por causa da prevalência que terá o Ideal sobre a vida íntima e social. Modificar-se-ão os costumes sobre a base da harmonia; as famílias, povos e nações entender-

se-ão melhor, porque em cada espírito e em cada civilização prevalecerá a força renovadora do Ideal como geradora de harmonia e em consequência da bondade, compreensão e justiça.

Os centros espíritas representam na sociedade moderna focos de Ideal em sua mais elevada aceção. Eles deverão ressoar sincrônicamente com a harmonia de elevados mundos espirituais por meio do saber, do trabalho e da beleza. Um centro espírita desvinculado dessa superior harmonia não poderá ser depositário das verdades da escola espiritista, nem cumprirá com as duas grandes missões que lhe correspondem: **Espiritualizar e evangelizar a criatura humana encarnada por meio do Ideal.**

Os homens idealistas que forjam os centros espíritas não são contemplativos nem utópicos. O novo idealismo que nos oferece a filosofia do Espiritismo conforma caracteres inquietos, lutadores e dinâmicos. Jesus, o Supremo Idealista, não passou sua curta existência embelezando-se ao contemplar as belezas idílicas da Galiléia: atuou e trabalhou em favor do reino dos céus — seu Perfeito Ideal —, cansando sua delicada constituição corpórea e lutando contra as injustiças do mundo antigo, até ser o divino protagonista do drama do Calvário. O idealismo de Jesus, baseado no mais puro amor, percorreu campos, aldeias e cidades sem ressentir-se nunca ante as mais duras adversidades. Em consequência, o melhor tipo de homem idealista o temos em Jesus; daí que nos centros espíritas sua figura se destaca sempre como uma expressão do que eles representam na evolução da sociedade moderna.

Allan Kardec, em «**O Livro dos Espíritos**», perguntou sobre quais eram os caracteres do homem perfeito, e os Espíritos lhe responderam: Contemplai a Jesus. Com efeito: Ele é o melhor tipo de homem idealista se se considera que em seu Ser se reúnem o Amor, o Saber e a Beleza, trilogia esta que configura ao Ideal humano unido com o divino. E sobre a base de tão excelso modelo forjam os centros espíritas os novos homens idealistas que,

sem cair em apatias nem em pseudo misticismos, apresentam-se como uma mostra do que pode o Ser como força moral em ação transformadora de todo o momento, quando o Ideal que o anima e alenta é forte como a rocha e transparente como cristal.

6. — AS FÔRÇAS IDEALISTAS DO ESPIRITISMO

O Espiritismo é um dinamo de potências espirituais, pôsto que sua essência, divina e intergiversável, encontra-se na própria natureza. Sua missão não consiste em paralisar as forças do progresso; pelo contrário, nada melhor que o Espiritismo para levantar a moral humana até alcançar a verdadeira responsabilidade frente ao cumprimento dos deveres. Na doutrina espírita percebem-se sopros de fé que incentivam a olhar com serenidade a solução dos conflitos e contradições humanos. Ela nos ensina que a evolução segue caminhos imprevistos e que onde a injustiça e o mal parecem predominar a luz e a verdade far-se-ão presentes como consequência da oculta finalidade superior que em tudo existe.

O herói, o mártir e o homem bom suportam com estoicismo o mal da Terra, porque hão chegado a compreender que mais além de toda a sombra imperam a luz e a justiça. Porém esta serenidade surge quando o homem há transformado a sua vida ao calor de verdades invencíveis. Tais verdades não surgem, como se sabe de princípios e doutrinas gerados de acôrdo com os limitados conceitos humanos; a verdadeira ciência do mundo e do espírito aparece sôbre a base de um saber mais amplo que o dos homens, sendo esta a causa pela qual o Cristianismo perdura na história não obstante os mais duros contratemplos a que se vê submetido. Tudo isto, com efeito, tem sua causa nas forças idealistas que as doutrinas possam conter. Os principais sistemas éticos, políticos e religiosos estão em decadência em virtude de possuírem essa limitação temporal e humana.

Sem embargo, as forças idealistas do Espiritismo não conhecem tais limitações em seu desenvolvimento: elas perduram, firmes e impertérritas, devido a que provêm de um mundo superior onde o Espírito mede o valor das coisas sobre as autênticas leis naturais. As forças idealistas do Espiritismo provêm, como se sabe, de uma Inteligência espiritual extratemporal, isto é, daquela que não se acha limitada pelo espaço e pelo tempo. São forças que se desprendem das realidades invisíveis que sustentam o Universo, pois elas, mais que na inteligência, atuam diretamente no Espírito, determinando assim estados morais superiores que conferem ao ser um verdadeiro caráter ético e idealista. Por isso o Espiritismo torna-se insensível a toda ação dirigida contra si, pois que a ignorância jamais logrará afetar ao que é uma lei da natureza.

As forças idealistas do Espiritismo são éticas, espirituais e religiosas: abrangem todo o conteúdo antropológico da história, ao mesmo tempo que todo o sentido transcendente do Universo. Isto nos assinala que o Espiritismo não é um simples fenômeno psíquico ou mediúnico: indica-nos que o Espiritismo é consequência de leis espirituais que regem o processo da natureza e que respondem amplamente aos propósitos do Plano divino. Em consequência, as forças idealistas do Espiritismo são imperecíveis e impulsionarão os avanços da ciência, da filosofia e da religião para concepções mais transcendentais.

A respeito é bom destacar que as forças idealistas do Espiritismo são experimentais e atuantes: convidam ao homem a praticar no mundo material as realidades do mundo espiritual. É experimental porque penetra na «experiência humana» do ser existencial, quer dizer que convida a viver com as «forças idealistas» em meio das «forças materialistas». O homem converte-se assim em um lutador cujo centro é a sociedade com suas injustiças e contradições, porque o verdadeiro idealismo filosófico está fundado tanto na teoria como na prática. O

Espiritismo não separa em dois setores as práticas morais: a dos «práticos ou positivos» e a dos «sonhadores ou imaginativos». Para a filosofia espírita a evolução espiritual se integra ou completa de «idealidades» e «materialidades», isto é, de pensamento e de ação. Estabelece uma síntese moral sobre a base das forças idealistas que impulsionam o Espírito como entidade evolutiva que é, assinalando-lhe que, todo ideal será válido, sempre que se converta em realidade na «vida encarnada», que lhe cabe viver e experimentar. Esta forma integral do idealismo é a que assegurará a transformação moral do mundo e a que conduzirá para diante as leis do progresso.

Dêste modo, se as forças idealistas são as bases propulsoras da arte, elas à luz do Espiritismo não se converterão nunca em forças passivas e inoperantes, como soe ocorrer ainda entre as correntes tradicionais da filosofia. As forças idealistas espíritas, pelo contrário, afirmam e desenvolvem a Beleza em tôdas as suas expressões mediante uma ação criadora e dinâmica, a qual, nem bem vai desenvolvendo-se, elimina as velhas formas substituindo-as por outras mais acordes com o grau evolutivo do homem e da sociedade. Allan Kardec, Léon Denis, Gustavo Geley e outros talentosos escritores compreenderam amplamente esta ação sintética da moral espírita. Recolheram o autêntico sentido do Cristianismo demonstrando que o Evangelho não é uma idéia paralisante e de submissão, mas que seu verdadeiro gênio espiritual radica-se na ação diária, levando o homem à execução de fatos e ações de natureza elevada, o que torna as forças idealistas espíritas fecundas, revolucionárias e determinantes de um nôvo idealismo filosófico e religioso.

7 — OS CENTROS ESPÍRITAS COMO CÂTEDRAS DE KARDECISMO.

A codificação kardecista é base fundamental do espiritualismo espírita, o qual se estendeu já por

todo o mundo civilizado. Seu avanço resulta incontível não obstante os preconceitos e resistências que se lhe opõem: sua ideologia passa vitoriosamente por cima de todo obstáculo pelo fato de não ser outra cousa que uma lei inviolável da natureza.

Este novo alento espiritual, dedicado a alterar inteligentemente o curso da história, está sendo divulgado popularmente através dos centros espíritas, cátedras permanentes de kardecismo. Neles é onde se estão expondo os ideais espíritas que, como temos dito, fundamentarão o novo idealismo filosófico e religioso da Terra. Os centros espíritas são as bases ativas dêsse novo idealismo por cuja causa, à medida que se aperfeiçoem em suas estruturas, aumentarão mais e mais sua influência espiritual nos meios populares. Pode dizer-se então que os centros espíritas bem constituídos são como raios de luz em meio dos povos, pois por seu intermédio é como penetrará o ideal espírita na consciência das coletividades humanas.

A nova experiência religiosa que viverão as nações se produzirá através dos centros espíritas que se identifiquem com a codificação kardecista. O kardecismo, como se sabe, não é obra de um homem: é a ciência espiritual e o instrumento filosófico e didático que se apresenta no concêrto das idéias para conhecer o valor intrínseco e extrínseco do Ser e do Universo. É o novo método ideológico e espiritual que vai ao encontro de correntes como a tomista, marxista, existencialista e materialista, pois tôdas elas alegam possuir verdades definitivas para explicar o complicado drama do homem e da história. Ademais, tenha-se presente que **kardecismo** não é palavra para fundar uma escola personalista: é vocábulo para expressar a essência e a idéia de uma doutrina que teve um homem singular para sistematizá-la e lançá-la ao mundo da cultura. Porém este homem foi só o instrumento representativo dessa doutrina, que achou em si mesmo o gênio suficiente para penetrar no grande combate das idéias. Allan Kardec foi nada mais que

um militante, e se queremos fazer-lhe o reconhecimento espiritual que merece, podemos dizer que o primeiro militante espírita da Terra.

O ideal kardecista deverá expandir-se por meio das bibliotecas, as quais não deverão faltar em nenhum centro espírita. A cultura kardecista será o elemento indispensável para penetrar no fundo das consciências. Dêste modo o movimento espiritista terá homens e mulheres capacitados no conhecimento e exposição da Doutrina e poderá penetrar nos ambientes populares das cidades, nos meios universitários e nas mais longínquas zonas rurais.

O avanço que assume o conflito e a crise das idéias exige que o Espiritismo conte com centros espíritas no campo. Será preciso inaugurar uma militância espírita de tipo rural que leve os ideais do kardecismo aos habitantes do campo, pois assim como se levantam igrejas e capelas para divulgar dogmáticamente o Evangelho, agora será necessário abrir centros espíritas no campo com caracteres de escolas e bibliotecas públicas. O Espiritismo não é um ideal somente para cidades e salas de conferências. Seus valores idealistas deverão penetrar em casas e herdades dos campos argentinos e em todos os de nossa América, pois as instruções dos Espíritos deverão escutar-se também — é chegada a hora — entre os rumores do vento, na solidão dos montes, na planície e na montanha. No entanto, para o cumprimento desta aspiração será preciso aperfeiçoar no possível as estruturas dos centros já existentes e abrir outros onde não existam, especialmente no campo, onde o Espiritismo tanta sabedoria e doutrina poderá ensinar ao camponês, não só acerca de si mesmo, mas também a respeito das leis da natureza.

Haveria assim um saber espírita agrícola e rural que ajudaria ao cultivo da terra e ao trato da semente mais em relação com sua parte interna e invisível. Chegar-se-ia a compreender melhor êsse capítulo de «**O Livro dos Espíritos**» que trata da «ação dos espíritos sobre a natureza»; ver-se-ia de

que maneira o mundo invisível trabalha sôbre o reino vegetal e como as leis do pensamento secundam a alegria de ver a formosura de trigos maduros e a maneira como intervêm os espíritos no dramático desenvolvimento das tempestades e de outros fenômenos naturais.

A luta humana por obter uma nova ideologia filosófica e religiosa está exigindo do movimento espírita mundial um amplo conhecimento da filosofia do Espiritismo. Daí que os centros espíritas deverão converter-se, todos em cátedras de kardecismo, o que quer dizer que deverão estudá-lo exaustivamente, verificando como seus princípios e postulados tornam-se propícios para despertar uma nova consciência idealista nos povos. Nós cremos que chegou o instante de inaugurar em todo movimento espírita mundial o que temos chamado KARDECOLOGIA. É necessário que o kardecismo assuma uma posição orientadora frente aos sistemas materialistas e religiosos que ainda aspiram a tão importante papel. Será indispensável para que se conheça essencialmente o conteúdo da codificação espírita que haja kardecólogos, todos eles formados inteligentemente por meio da riqueza bibliográfica com que contam os centros espíritas.

Quando haja grande quantidade de kardecólogos e a kardecologia resulte na nova ciência espiritual para interpretar ao homem e seus problemas, êsse dia o Espiritismo penetrará nas massas e cumprirá com seu destino histórico, ao iniciar um novo modo de vida espiritual e social entre as nações. Porém êste amplo papel do Espiritismo só se cumprirá se os centros espíritas valorizarem o kardecismo em seus múltiplos aspectos. Não se olvide que se o tomismo e o luteranismo, ao iniciar um novo tipo de humanismo penetraram em todos os campos da cultura, com maior razão poderá fazê-lo o kardecismo que possui elementos tão superiores e precisos. Cremos, por isso, que a expansão do Espiritismo se logrará por meio de uma sólida cultura kardecista, pois a doutrina espírita tem a seu car-

go duas grandes tarefas: primeiro, espiritualizar a alma humana à luz do kardecismo e, segundo, evangelizar as consciências por meio do Evangelho segundo o interpreta o Espiritismo.

Estas duas grandes tarefas do movimento espírita mundial não se cumprirão através de «investigações psíquicas e parapsicológicas», somente: dar-se-ão por meio do kardecismo ensinado e interpretado pelos centros espíritas. Os conflitos de idéias e de consciências marcam um momento de crise na evolução humana. O kardecismo, como já dissemos, está em condições de interpretar e esclarecer tais conflitos, ao demonstrar que o homem é um Espírito encarnado que está experimentando os fluxos e refluxos de sua própria evolução palingenésica. De modo que se os centros espíritas olvidassem a missão histórica que têm, atrasar-se-ia grandemente o avanço da cultura; em consequência, seu papel consiste em ter verdadeiras cátedras de estudo e de divulgação, convertendo-se assim em refúgio de espíritos inquietos e progressistas.

8. — OS DIREITOS JURÍDICOS DA MEDIUNIDADE.

Volvendo ao tema da **MEDIUMTERAPIA** ou mediunidade curadora, devemos assinalar que a ciência, e com ela a filosofia do direito, reconhecem os direitos que lhe correspondem só pela veracidade sobre a qual se assenta. A verdade espírita está chamada a triunfar nos meios sociais modernos por causa dos numerosos partidários que vai conquistando. À medida que homens ilustres, pertencentes a tôdas as esferas oficiais e culturais, abracem as idéias espíritas, os direitos da mediunidade curadora fazem-se cada vez mais reconhecíveis. De maneira que nenhum interesse humano, por mais forte que seja, poderá impedir as conquistas jurídicas do movimento espírita, pois que o Estado, tão logo vá comprovando suas verdades e princípios, ver-se-á na necessidade de reconhecê-los como ver-

dades evidentes e adquiridas.

Um visitante dizia a Kardec: «Não são os sábios o farol das nações, e não é seu dever o de difundir a luz? Com efeito, se nisto consiste o dever dos cientistas, por que se abstêm de revelar ao mundo da cultura as realidades da mediunidade curadora e de todos os fenômenos mediúnicos? Vejamo-lo nas reflexões seguintes.

Temos dito que o misonéismo é um mal que paralisará sempre a marcha da verdade; porém, não obstante isso, os fatos mediúnicos, chamados agora parapsicológicos, impôr-se-ão como realidades anímicas e espíritas. O temor dos conservadores não poderá impedir que a cultura e a civilização penetrem por novas vias de conhecimento, por isto que se isso ocorreria seria desmentir a evolução e o progresso. Repetimos porém: o ideal espírita conta com partidários pertencentes às mais diversas esferas oficiais, e são eles os que abrem brechas para o seu avanço na sociedade moderna. E isto fêz que Kardec desse a um visitante esta resposta:

Como vos disse antes, o Espiritismo faz seus prosélitos precisamente na classe ilustrada, e isto em todos os países do mundo: conta um grande número deles entre médicos de tôdas as nações, e os médicos são homens de ciência; os magistrados, os professores, os artistas, os literatos, os militares, os altos funcionários, os eclesiásticos, etc., que se agrupam ao redor de sua bandeira são pessoas às quais não pode negar-se certa dose de ilustração, porquanto não há sábios somente na ciência oficial e nas corporações constituídas. O fato de que o Espiritismo não tenha um direito de cidadania, é motivo para condená-lo?

O triunfo dos fatos espíritas, especialmente os da mediunidade curadora, produzir-se-á amplamente quando as idéias do Espiritismo hajam penetrado profundamente na opinião pública. A sociedade moderna dirigida pela prática das mesmas, obrigará aos cientistas oficiais, à Universidade e ao Esta-

do a reconhece-las e aceitá-las pela própria força das coisas. Porém, será preciso admitir que o processo evolutivo se fará com maior facilidade quando os povos permanecerem abertos a essa necessidade biológica e espiritual que se chama evolução. Em troca, o progresso detém-se quando os povos, especialmente os chamados «fatôres de poder», resistem em ceder ante as novas necessidades espirituais e sociais da comunidade. É então quando sobrevivem as **crises de força** e cumpre-se o que dizia o mestre Kardec: «as revoluções morais, como as sociais, infiltram-se pouco a pouco nas idéias; germinam durante séculos inteiros e logo explodem repentinamente, fazendo com que se funda o carcomido edifício do passado, que não está já em harmonia com as novas necessidades e aspirações».

Este critério histórico da evolução é o que nós permite crer que a sociedade humana é o **produto cultural** determinado pela encarnação dos espíritos em razão dos quais os meios sociais evoluirão, ou não, conforme seja a qualidade moral que os caracteriza. Os períodos de decadência espiritual são o fruto de «encarnações» decadentes, daí que o sentido do social encontre sua explicação no que Nicolás Berdiaeff chamou **metafísica da história**. Os períodos revolucionários, realmente criadores, só se dão quando numerosos espíritos encarnam com êsse propósito. E quando o sociólogo reconhecer que a sociedade é o resultado de uma encarnação coletiva de entidades espirituais evoluídas, não poderá estranhar o misoneísta que a sociedade se modifique em suas estruturas visíveis e invisíveis, apesar de tôdas as resistências que se lhe oponham.

A sociedade, com efeito, é o instrumento cultural através do qual os espíritos desenvolvem suas faculdades superiores. Por isso a filosofia espírita diz-nos que se não houvesse espíritos tampouco haveria sociedade, o que nos sugere admitir que tôda resistência por parte dos que apoiavam o «carcomido edifício do passado» será vã frente ao desenvolvimento da lei do progresso em contraste

com a de conservação. A sociedade, assim, altera-se e desloca-se em direção de novas concepções para alcançar os altos cimos da espiritualidade em relação com as intenções de seus mais preclaros guias e mestres.

9. — DO SÁBIO ACADÊMICO AO SÁBIO ESPÍRITA

A existência de cientistas egressos das melhores universidades e que constituem uma garantia para a ciência acadêmica, não significa que eles possam conhecer tudo e que estejam autorizados para dirimir sobre qualquer «**tipo de conhecimento**» (tenha-se presente que falamos de «tipo de conhecimento», pois eles determinam formas de saber que logo darão nascimento a outro determinado «tipo de conhecimento», sempre em relação com a contribuição de tipos de «gerações espirituais» que encarnem com esse propósito superior).

O cientista, ou seja, o sábio acadêmico poderá conhecer, é certo, dentro das possibilidades que lhe oferece sua capacidade intelectual, porém isso não significa que possa opinar sobre temas que não se achem nos planos de estudo pelos quais alcançou sua graduação. Ademais, o Estado forma sempre homens de ciência de acordo com as suas concepções sociais: rara é a nação que está disposta a ter doutores ou eruditos em conhecimentos que não sejam os clássicos e que não digam respeito ao sistema ideológico sobre o qual se assenta. Esta atitude rompe o ritmo harmônico da evolução dos povos e é quando sobrevêm as agitações coletivas que transformarão a fisionomia espiritual do homem e da cultura. As revoluções afastam os misoneístas e surgem assim os reformadores que assinalarão novas bases para a ciência, a filosofia e a religião. Os fenômenos da mediunidade não podiam escapar a este processo histórico do conhecimento: a filosofia espírita é consequência das leis naturais e ainda que o Estado se oponha a admiti-la, surgirá a mesma à

luz do dia. Conta para isso com seus próprios sábios, isto é, com seus próprios «doutores em ciências psíquicas e espirituais», formados ao calor da cultura espírita, a qual em nada difere nos seus aspectos físicos com a clássica ou acadêmica.

Os homens de ciência espírita, ainda que não hajam passado pelas corporações oficiais, contam com o título de um saber que se baseia no lema seguinte: para a Verdade pelo Amor e pela Ciência. São por isso os mais impetuosos filoneistas, os que sempre estão dispostos a secundar o avanço do progresso em todos os setores da humanidade. De modo que são os únicos homens autorizados a opinar sobre temas espíritas e que, ao lado de muitos cientistas e acadêmicos, em coisa alguma ficam desvalorizados quer por sua integridade moral, quer intelectual. Por isso Kardec, sem desestimar o método científico, questionava a respeito do assunto: faz-se mister, por acaso, de um diploma oficial para ter-se senso comum, e só imbecis se encontram fóra das academias?

Em conclusão — a questão da mediunidade curadora e de outros fatos mediúnicos, não será resolvida tão somente pela intervenção dos sábios acadêmicos, mas produzir-se-á especialmente pela obra do sábio espírita, ainda que não possua títulos oficiais nem universitários. Porque se o sábio acadêmico conhece o que é matéria, o sábio espírita **sabe** o que são matéria e espírito; se o sábio acadêmico conhece por que se nasce e se morre, o sábio espírita **sabe** por que se nasce, se morre e se renasce, tendo sempre diante de si o saber de uma nova dimensão, que, até o momento atual, não figura nos programas de estudos das melhores Universidades do mundo.

Com efeito, o Espiritismo dilatará os horizontes da ciência, fazendo-lhe ver que as bases do conhecimento se encontram nas realidades do mundo invisível. O sábio espírita jamais poderá permanecer, como fá-lo o sábio materialista, em tórno de um mesmo fenômeno para buscar-lhe origens diversas

pelo fato de não aceitar — quando é correta — sua interpretação espiritual. Isto demonstra que o sábio avança para um conhecimento cada vez mais vasto, sempre desejoso de pôr a ciência a serviço da evolução humana. A ciência espírita carece de preconceitos e não está prêsa a interesses particulares: sua missão é demonstrar que a humanidade possui um conteúdo supra-material, e que os diversos fenômenos da vida são causados pelo Ser inteligente que, como diz Geley, avança «do inconsciente para o consciente». Isto quer dizer que trata de penetrar no verdadeiro aspecto teleológico da Criação, demonstrando que existe uma Causa Suprema regente de tudo o que existe, à qual se acham submetidas as forças não evoluídas da história.

O «saber científico» do Espiritismo não se ampara em instituições sociais, que são mantidas não obstante o evidente avanço do progresso. O saber espírita responde unicamente à verdade, e somente a ela rendem culto os homens e mulheres que o abraçaram. Por isso a ciência espírita é ainda repelida, pois ela impulsiona para a renovação, e os que dependem das velhas estruturas morais e sociais, desprezam o Espiritismo desclassificando-o em todos os aspectos. «Sempre tem sucedido o mesmo — escrevia Kardec — com as novas idéias chamadas a revolucionar o mundo; encontram violentamente obstáculos, porque têm de lutar com os interesses, com as preocupações e com os abusos que vêm destruir, porém, como formam parte dos desígnios de Deus para realização da lei do progresso da humanidade, nada pode detê-las, quando lhes chega a hora, o que prova serem a expressão da verdade».

A ciência espírita, em consequência, não subcreverá nunca princípios que estejam em desacôrdo com as leis naturais. Tudo quanto aceite como doutrina estará sustentado pela lógica, o que ajudará a encaminhar o caráter humano para o justo e o verdadeiro. As ciências, lógicas e em harmonia com a inteligência e a razão, capacitam o homem para viver dentro de elevados princípios morais, apartan-

do-o dêesses recursos subjetivos com os quais se elaboram tipos de conduta só dispostos a servir a erros e a interesses mesquinhos. A ciência espírita, depois de buscar a verdade, busca as leis morais como fundamento de toda ação humana, pois não estabelece nenhuma divisão entre ciência e moralidade. Esta é a razão pela qual o kardecismo é o método espiritual para iniciar um profundo conhecimento do homem e do universo com o fim de superar toda forma fantástica a respeito de assuntos transcendentais e religiosos.

A ciência espírita, guiada pelo método kardecista, vai esclarecendo os horizontes mentais do indivíduo, assinalando-lhe que o «sobrenatural — como bem disse Kardec — desaparece à luz da ciência, da filosofia e da razão, como os deuses do paganismo desapareceram à do Cristianismo». A oposição que a ciência oficial faça ao Espiritismo será uma demonstração do nível inferior em que se encontram suas concepções, pois temer as idéias espíritas é o mesmo que assustar-se com a beleza e formosura da arte.

Agora bem, os que temem o belo e o verdadeiro não estão em condições de compreender que o universo é a consequência de um plano divino e que o homem conjuntamente com toda a criação é uma entidade espiritual, divina e imortal chamada a engrandecer-se até o máximo por meio da evolução palingenésica. Sim, os que se opõem às idéias espíritas o fazem porque não desenvolveram todavia o sentido do justo e do belo, desde que as mesmas, para valorizá-las em toda a sua grandeza, mais que de ciência necessitam da beleza, dêesse sentido interno e profundo do Ser por intermédio do qual se descobrem e compreendem os majestosos propósitos da Divindade. De maneira que se o sábio acadêmico, junto ao Estado e à Universidade, opõe-se ao Espiritismo, será preciso compreender que o estabelecimento de seus princípios nas corporações oficiais não dependerá somente de abalos revolucionários, pois que «o Espiritismo é o resultado de uma con-

vicção pessoal», como asseverou Kardec. O ideal espírita antes de tomar posse dos estados, o fará dos espíritos, única maneira efetiva para exercer uma real influência sobre a alma dos povos. Por isso o Espiritismo realiza sua obra de espiritualização e de evangelização através do indivíduo; desta maneira está certo de alcançar resultados positivos na ordem moral e social.

O sábio espírita está representado em um Denis, um Geley, um Delanne e outros que têm construído a ciência espírita sobre as bases do kardecismo olhando sempre para o futuro da humanidade. Êstes protótipos científicos do Espiritismo são os que ainda não podem penetrar nas universidades e academias oficiais. São pois os **grandes ignorados**, os que não figuram nos calendários acadêmicos, cuja obra e memória só se evoca nos centros espíritas e no movimento mundial que, paulatinamente, vai penetrando nas mais resistentes camadas da sociedade moderna. Porém se a ciência materialista os desconhece, de propósito ou por ignorância, o gênio espiritual da humanidade os reconhecerá no momento preciso, isto é, tão logo o progresso dos espíritos permita descobrir essa realidade fecunda e criadora do invisível. De outro passo, a luz de suas inteligências iluminará aos que já possam viver em relação com esse mundo real dos espíritos até que as Universidades de toda a Terra os proclamem seus doutores mais sábios e diletos.

(1) — No Brasil, duas são as figuras com as quais se procura obstaculizar a terapia espírita: curandeirismo e exercício ilegal da medicina.

No Código Penal de 1940, o legislador tipificou o curandeirismo no art. 284. O Código Penal de 1969 que entrará em vigor no dia 1º de janeiro de 1972, limitou-se a reproduzir o anterior no seu art. 317 —

«Exercer curandeirismo —

I — prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II — usando gestos, palavras qualquer outro meio;

III — fazendo diagnósticos».

Se o crime é praticado mediante remuneração, além da pena de detenção, aplicar-se-á a de multa. Constitui forma qualificada a sobrevença de morte ou lesão corporal de natureza grave.

Como se pode notar trata-se de um tipo de descrição aberta, no qual se poderia aparentemente enquadrar quantos ministrassem água fluida, passes ou bençãos, desde os médiuns espíritas aos taurmurgos católicos, como Frei Eustáquio e Pe. Antônio. Apesar de não ter chegado ao absurdo de proibir diretamente a prática espírita, como desejaram alguns juristas reunidos em um Congresso Jurídico Nacional, por volta de 1943, opinião aliás combatida pelo prof. Noé de Azevedo, juizes e promotores preferiram enxergar ali um meio de combate à prática espírita, de tal modo que a Jurisprudência andou atravancada de julgados em que o Espiritismo era confundido com magismo, enquanto cartomantes, «videntes» de bola de cristal, astrólogos de mui suspeita procedência, continuaram livremente a anunciar as pseudo-virtudes das suas mágicas capazes de transformar a terra em paraíso para quem pagasse, através dos mais diversos meios de comunicação (Existiam honrosas exceções. Vide sôbre o assunto: Noé de Azevedo, «Notas Jurídicas», Ed. da Rev. dos Trib., 1944, pg. 142 e sgs.; Carlos

Imbassahy, «A Mediunidade e a Lei, F.E.B., 1946.» O misoneísmo atingia a juristas da melhor estirpe, como era o caso do ex-Min. do S. T. E., Néelson Hungria, que asseverava em seus «Comentários ao Código Penal», que os espíritas provocam empiricamente fenômenos **já explicados pela ciência** e que nada têm a ver com o sobrenatural, quando não os simulam (vol. IX, Ed. Revista Forense, pgs. 154 e sgs.).

Apesar da repetição do dispositivo, é de registrar-se que já não estamos no tempo em que — «exercer curandeirismo» significava uma daquelas práticas especificadas no dispositivo penal e tais práticas se traduziam em exercer o curandeirismo, num bêco sem saída, abandonando-se o significado do substantivo que esclarecia a ação enunciada pelo núcleo do tipo — o verbo, como se ali estivesse «exercer o espiritismo». (O legislador de 1890 considerava no art. 157 do Código, charlatanismo — «praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar ou subjugar a credulidade pública»). Julgados recentes mostram-se mais lúcidos e libertos do despotismo religioso que sufragava o fanatismo. A 2a. Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Paraná, em acórdão unânime prolatado na Ap. de nº 2/70 — Marilândia do Sul, sendo relator o des. Silva e Albuquerque, assim se pronunciou:

«Sem provas indiscutíveis de que os réus infringiram o art. 284, I e II, do Código Penal, prescrevendo, ministrando e aplicando substâncias, com caráter habitual, mediante remuneração, praticando até diagnóstico, não se deve, nem se pode puni-los rigorosamente. Realmente, deve punir-se o baixo espiritismo, que pode causar morte ou graves consequências a alguém. Todavia o espiritismo de alto nível vem colaborando, eficientemente, para diminuir o sofrimento de pessoas desesperadas e que sofrem até de doenças incuráveis, e suas organiza-

ções aprimoradas são frequentadas por gente de alto gabarito e portadores de elevadíssimos cargos dentro da sociedade. Punir-se de toda forma, sem um exame cuidadoso de cada caso, seria proporcionar encher prisões com criaturas que não vivem do produto do bem que praticam. E na espécie, não seria justo jogar todo o peso da lei e da moralização contra os réus, pois, hoje há tendas de saravá por toda parte, sem punição rigorosa para os seus integrantes» (in ADCOAS — Boletim de Jurisprudência/1970, pg. 272. Vide, ainda, no mesmo local, o acórdão unânime da 1ª Câmara do Tribunal de Alçada de Minas Gerais, de 2/12/69).

O exame do tipo esclarecerá que a prática do Espiritismo não pode ser confundida com o curandeirismo. Há realmente ocorrência de **atipicidade**. Mas se não fôra isto, os labores da terapia mediúnica encontrariam a seu favor a **justificação supralegal por conformidade às normas de cultura**: as práticas espíritas não são contrárias às normas de cultura do povo brasileiro; pelo contrário, elas estão de tal modo difundidas que há receptividade e concordância com as mesmas, ainda na classe médica. Os números estatísticos que apontam uma maioria católica não têm virtude de eliminar o que aqui se afirma, porque os próprios católicos se socorrem habitualmente de médiuns espíritas. Além disso a crença nos Espíritos e na sua intervenção no mundo corporal faz parte do patrimônio cultural do nosso povo. Se o ato, pois, apesar de típico é conforme às normas de cultura, a juridicidade do mesmo se impõe (A respeito da justificação supralegal e das normas de cultura, consulte-se Jimenez de Asua, Tratado de Derecho Penal, vol. IV — nº 1.444, e vol. II, nº 609).

Não nos parece possível, no entanto, na maioria dos casos, a alegação da inconsciência, não só porque a mesma nem sempre ocorre, como ainda não faltaria quem buscasse fundamentar a imputabilidade pela teoria da **actio libera in causa**.

Quanto ao exercício ilegal da medicina, parece-nos totalmente descabida a pretensão dos que ali buscam mais uma forma para aprisionar as atividades espíritas, pois nenhum médium exerce a profissão de médico, mesmo gratuitamente (arts. 282 do Código Penal de 1940 e 315 do de 1969).

Na França, os médiuns continuam sendo processados e condenados. A Associação de Médiuns de Cura da Grã-Bretanha, porém, conseguiu o reconhecimento do direito de seus membros tratarem as pessoas que solicitem seus cuidados (Vide — Revista Internacional de Espiritismo de 1966, pg. 285 e de 1967, pg. 176) — Nota do Tradutor.

Digitalização:

PENSE - Pensamento Social Espírita
www.viasantos.com/pense
novembro de 2010